

Jornadas de Estudos Luso-Brasileiros Laboratório de Cartografia Histórica

**Produzir, acumular e
transmitir conhecimento no
Império Português: Práticas e
objetos (séculos XVI ao XIX).**

Programação e Resumos





Cátedra Jaime Cortesão- USP

Av. Prof. Lineu Prestes, 338 | Cidade Universitária

Cep. 05508-900 | São Paulo - SP

tel: +55 11 3091 2101 | + 55 11 3091 1511

email: cjc@usp.br

Comissão Gestora

Profa. Dra. Vera Lucia Amaral Ferlini (Presidente)

Departamento de História (FFLCH-USP)

Profa. Dra. Ana Paula Torres Megiani

Departamento de História (FFLCH-USP)

Prof. Dr. Antônio Dimas

Depto. de Letras Clássicas e Vernáculas (FFLCH-USP)

Prof. Dr. Francisco Carlos Palomanes Martinho

Departamento de História (FFLCH-USP)

Profa. Dra. Iris Kantor

Departamento de História (FFLCH-USP)

Prof. Dr. José Jobson de Andrade Arruda

Departamento de História (FFLCH-USP)

Prof. Dr. José Nicolau Gregorin Filho

Depto. de Letras Clássicas e Vernáculas (FFLCH-USP)

Prof. Dr. Marcelo Candido da Silva

Departamento de História (FFLCH-USP)

Profa. Dra. Raquel Glezer

Departamento de História (FFLCH-USP)

Prof. Dr. Rodrigo Ricupero

Departamento de História (FFLCH-USP)

LECH

Profa. Dra. Iris Kantor

Departamento de História (FFLCH-USP)

Profa. Dra. Fernanda Padovesi Fonseca co-cordenadora

Departamento de Geografia (FFLCH-USP)

Organização

Professora Doutora Iris Kantor (FFLCH-USP)

Doutora Gisele C. Conceição (Pósdoc - FAPESP)

Doutora Natalia Tammone (Pósdoc - CJC)

Doutor Luís Otávio Pagano Tasso (Pósdoc - CJC)

Jornadas de Estudos Luso-Brasileiros

Seminário Online
Produzir, acumular e transmitir
conhecimento no Império Português: práticas
e objetos (séculos XVI ao XIX)

Caderno de Programação e Resumos

São Paulo
Cátedra Jaime Cortesão | Laboratório de Estudos de
Cartografia Histórica
4 e 5 de fevereiro de 2021

PROGRAMAÇÃO

4 de fevereiro

Abertura

13:00h (Brasil) | 16:00h (Portugal)

Amélia Polónia (Universidade do Porto, FLUP)

Entre o local e o global: Mulheres como agentes de transferência do conhecimento

Mesa 1:

13:40 -14:30 (Brasil) | 16:40-17:30h (Portugal)

Thomás Haddad (Universidade de São Paulo)

Império, cultura escrita e projetos coloniais na circulação de relatos sobre cometas no espaço ibero-americano, 1580-1668

Fabiano Bracht (Universidade do Porto)

Circulação e reconfiguração do conhecimento sobre plantas no Sul e Sudeste da Ásia no século XVIII: evidências das fontes portuguesas.

Mesa 2:

14:40-15:40h (Brasil) | 17:40/18:40h (Portugal)

Breno Leal Ferreira (FAPESP/UNICAMP)

‘Modes of subsistence’, ‘moyens de subsistance’, ‘modos de viver’: William Robertson, Alexandre Rodrigues Ferreira e a compreensão dos povos indígenas da América portuguesa (1777-1790)

Gisele C. Conceição (FAPESP, FFLCH/USP)

Culturas médicas africanas. Artes de curar angolanas nos textos europeus ao longo do século XVIII.

5 de fevereiro de 2021

Mesa 3:

13:00 -14:00h (Brasil) | 16:00 -17:00h (Portugal)

Monique Palma (Universidade de Lisboa)

“Onde havia verdura, exuberância, produtividade, há agora areia... areia e só areia” – as intervenções do Império Português nas dunas de Moçambique

Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno (FAU-USP): *“Sertões do Norte, Sertões do Poente e Campos do Sul: paisagens no plural”.*

Mesa 4:

14:10 -15:30h (Brasil) | 17:10 -18:30h (Portugal)

Cristina Brito (CHAM - Centre for the Humanities, NOVA University of Lisbon, Portugal)

Igpupiara e Iguaragua: Monstros, leões-marinhos e peixe-boi da América Portuguesa na construção dos saberes naturais e das redes globais de contacto

Daniel Dutra Coelho Braga (Pós doutorando DH/USP)

Condições de circulação da Marinha francesa em território luso-brasileiro (c. 1814 - c. 1850): notas de pesquisa

Iris Kantor (DH-USP)

Roteiros náuticos, cartografia e tráfico negreiro (1750-1836)

Encerramento

15:50h (Brasil) | 18:50h (Portugal)

Miguel Faria (Universidade Autónoma de Lisboa (UAL))

Edição Ilustrada: Pedagogia Visual e Produção de Ciência no tempo das Luzes

RESUMOS

| | |
|---|-----------|
| <i>Amélia Polónia (Universidade do Porto, FLUP)</i> | <i>8</i> |
| <i>Breno Leal Ferreira (FAPESP/UNICAMP)</i> | <i>10</i> |
| <i>Cristina Brito (CHAM - Centre for the Humanities, NOVA University of Lisbon, Portugal)</i> | <i>13</i> |
| <i>Daniel Dutra Coelho Braga (pós doutorando do DH -USP) ...</i> | <i>15</i> |
| <i>Fabiano Bracht (Universidade do Porto).....</i> | <i>17</i> |
| <i>Gisele C. Conceição (Fapesp, Pós-doc/FFLCH/USP)</i> | <i>19</i> |
| <i>Iris Kantor (Universidade de São Paulo, FFLCH)</i> | <i>20</i> |
| <i>Miguel Faria (Universidade Autónoma de Lisboa (UAL).....</i> | <i>21</i> |
| <i>Monique Palma (Universidade de Lisboa)</i> | <i>22</i> |
| <i>Thomás Haddad (Universidade de São Paulo, EACH)</i> | <i>24</i> |

Amélia Polónia (Universidade do Porto, FLUP)¹

Entre o local e o global: Mulheres como agentes de transferência do conhecimento

Esta apresentação centrar-se-á na atuação de mulheres em processos de produção e transferência de conhecimento, no período moderno. Nas dinâmicas históricas de construção do Impérios, as mulheres não foram apenas a base para a reprodução de sociedades coloniais, seja no Oriente, na África ou no Brasil. Elas atuaram também como parceiras económicas e representantes diplomáticas, revelando-se essenciais em processos de encontros e confrontos de culturas. Afirmaram-se também como intermediárias essenciais em sistemas de comunicação que conectavam os vários espaços do império ultramarino português. Assumindo que processos de transferência de conhecimento e “traduções culturais” dependiam, em grande parte, dos seus desempenhos, este contributo procurará discutir transferências de saberes entre mulheres portuguesas e autóctones nos vários espaços ultramarinos em que se regista a presença colonial portuguesa, independentemente dos seus estatutos sociais, formação cultural ou filiação religiosa.

¹ Amélia Polónia é Professora Catedrática do Departamento de História, Estudos Políticos e Internacionais da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, e Coordenadora Científica do CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória».

Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno (FAU-USP)²
*Sertões do Norte, Sertões do Poente e Campos do Sul:
paisagens no plural*

Por meio de enquadramentos diversos, objetiva-se apresentar contribuições metodológicas experimentadas na disciplina AUH 5861 - Paisagem Cultural Brasileira: encontros, trocas e hibridismos, ministrada no curso de pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP em parceria com Dante Martins Teixeira, e discutir o conceito de paisagem na sua pluralidade natural e antrópica à luz do entrecruzamento de fontes primárias textuais, iconográficas e cartográficas em perspectiva histórica, linha de pesquisa à qual intitulamos de “arqueologia da paisagem”.

² Possui graduação em História pela Universidade de São Paulo (1990), graduação em Artes Plásticas pela Fundação Armando Álvares Penteado (1988), doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (2001) e livre-docência em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (2018). Desde 2002 leciona as disciplinas de História da Urbanização e do Urbanismo no Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto da FAUUSP. Atua principalmente nos seguintes temas: História da Urbanização e do Urbanismo no Brasil; Cultura Profissional dos Arquitetos e Engenheiros; História do Mercado Imobiliário em São Paulo; e História da Cartografia. É autora dos livros *Desenho e Desígnio: o Brasil dos engenheiros militares* (Edusp, 2011), *Aspectos do Mercado imobiliário em perspectiva histórica. São Paulo (1809-1950)* (Edusp, 2016) e *São Paulo: um novo olhar sobre a história. A evolução do comércio de varejo e as transformações na vida urbana* (Via das Artes, 2012), este último ganhador do Prêmio José Celestino Bourroul de melhor livro sobre São Paulo do ano de 2013, conferido pela Academia Paulista de História (APH).

Breno Leal Ferreira (FAPESP/UNICAMP)³

‘Modes of subsistence’, ‘moyens de subsistance’, ‘modos de viver’: William Robertson, Alexandre Rodrigues Ferreira e a compreensão dos povos indígenas da América portuguesa (1777-1790)

Historiógrafo oficial da Escócia, William Robertson (Borthwick-1721 – Edimburgo-1793) foi autor, entre outras, da obra *The History da America* (1777). No “Book IV” desta

³ Bacharel em História pela Universidade de São Paulo (2004), universidade onde também defendeu mestrado (2009) e doutorado (2016) em História, ambos sob orientação da Prof^a Dra. Iris Kantor. Na pesquisa de mestrado, realizou uma investigação sobre o método crítico na obra *Verdadeiro Método de Estudar* (1746), do ilustrado português Luís António Verney. Em seguida, no doutorado, analisou as relações entre ciência e religião nos discursos de naturalistas portugueses e luso-americanos. Mais recentemente, deu continuidade às pesquisas de temas relativos à Ilustração em Portugal e no mundo colonial no estágio pós-doutoral que há pouco concluiu junto ao departamento de História da Universidade Estadual de Campinas, sob a supervisão da Prof^a Dra. Leila Mezan Algranti. Nestas pesquisas, analisou escritos de naturalistas portugueses e luso-americanos sobre o Reino Animal. Em seu percurso acadêmico, fez também estágios no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e na École des Hautes Études em Sciences Sociales, de Paris. Entre os artigos que publicou, destacam-se: “A importância do método crítico na renovação dos estudos católicos em Portugal: o caso de Luís António Verney” (*História da Historiografia*, volume 8, número 17, 2015), “A Teologia Natural na cultura científica da Ilustração portuguesa: oratorianos e franciscanos (1750-1800)” (*Revista de História*, número 177, 2018) e “A compreensão dos povos indígenas da América portuguesa por Alexandre Rodrigues Ferreira durante a Viagem Filosófica (1783-1792): A apropriação de uma tradução francesa de *The History of America* (1777), de William Robertson” (*Revista de Indias*, volume 80, número 280, 2020)

obra (que poderíamos denominar Capítulo IV), ele realizou uma análise dos povos indígenas da América, especialmente da espanhola e inglesa. Sua perspectiva se ancorava na história filosófica escocesa (ou história conjectural), segundo a qual todas as sociedades humanas participariam de um processo histórico global, passando pelos estágios da coleta/caça, pastoreio, agricultura e comércio, numa escala progressiva que ia da selvageria à civilização. Robertson denomina “modes of subsistence” a cada um desses estágios, e todos os povos americanos, com exceção de mexicanos e peruanos – considerados mais avançados – estariam no primeiro desses estágios civilizacionais. No seu entender, a cada um dos “modes of subsistence” corresponderiam determinadas características políticas, intelectuais e culturais da sociedade. O historiador escocês chegou a assinalar a intenção – nunca concretizada – de redigir uma história da América portuguesa. Um outro autor, todavia, talvez tenha pensado em concretizar esse intento: Alexandre Rodrigues Ferreira (Salvador-1756 – Lisboa-1815). Ferreira, durante sua Viagem Filosófica pelas capitâneas do Grão-Pará, Rio Negro e Mato Grosso (1783-1792), produziu grande material sobre os povos indígenas locais. Particularmente em dois de seus escritos encontra-se uma grande apropriação (das concepções e da própria escrita) da obra de Robertson: Participação Geral do Rio Negro (1787) e Observações Gerais e Particulares sobre a Classe dos Mamais (1790). O naturalista luso-americano fez uso livre de inúmeros trechos da obra, de forma adaptada. Ele estendeu a povos indígenas da América portuguesa características econômicas, instituições políticas, formas de pensar e aspectos culturais atribuídos por Robertson a povos indígenas das Américas espanhola e inglesa. Mas como ele pôde fazer isso? É o que pretendemos argumentar nesta

apresentação: com base na concepção de história de Robertson, ele identificou que os povos indígenas da América portuguesa detinham o mesmo “mode of subsistence” que os demais povos americanos, com exceção de mexicanos e peruanos. Ele teve em mãos durante a viagem uma tradução francesa de *The History of America*, na qual constava a expressão (e o conceito de) “moyen de subsistance”, referida por ele como “modo de viver”. Dessa forma, ele pode concluir que se tratavam das mesmas características dos povos indígenas de outras partes da América, tais como descritas por Robertson. Todavia, mostraremos também que não se tratou de mera reprodução do texto. Ferreira esforçou-se por introduzir nomes locais a aspectos da cultura local, adicionando à narrativa outros elementos, muitas vezes tirados de outros autores ou provindos de suas próprias observações. Inclusive, ele chegou a manifestar (algumas poucas) discordâncias em relação ao historiador escocês, das quais também pretendemos tratar na apresentação.

Cristina Brito (CHAM - Centre for the Humanities, NOVA University of Lisbon, Portugal)⁴

Igpupiara e Iguaragua: Monstros, leões-marinhos e peixe-boi da América Portuguesa na construção dos saberes naturais e das redes globais de contacto

Na construção da história natural do ambiente marinho em diferentes partes do Atlântico, na época moderna, encontramos os contributos e perspetivas de Africanos e Ameríndios contados na tradição enciclopédica Europeia. Nestas narrativas confluem o olhar crítico e sistemático perante a biodiversidade e abundância tropical e a experiência e práticas locais tradicionais, com o espanto – comum em todas as sociedades – perante o desconhecido, o raro e o assustador. Os grandes animais marinhos, desconhecidos para uns, raros para outros, e assustadores para quase todos, ajudaram no desenrolar das perceções humanas relativamente à vida e habitats marinhos, aos recursos naturais, e

⁴ Professora Auxiliar na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa e Diretora do CHAM - Centro de Humanidades da mesma faculdade onde é investigadora integrada há 15 anos. É membro da Direção de OPI - Oceans Past Initiative, da Comissão Científica da Cátedra UNESCO O Património Cultural dos Oceanos e do projeto Europeu RISE CONCHA; coordena ainda dois fundos bilaterais das EEA Grants. Acabou de receber uma bolsa ERC Synergy (2021-2027) com o projeto 4-Oceans: Human History of Marine Life. Os seus interesses de investigação são a história ambiental marinha, história dos oceanos, história das expansões europeias, encontros e confrontos entre sociedades, e interações entre humanos e o mundo não-humano. Tem uma abordagem interdisciplinar, transcronológica e transcultural aos seus temas de investigação, focando-se também na história dos grandes animais marinhos e seus ecossistemas.

simultaneamente das mitologias associadas à natureza. Para a América Portuguesa, Igpupiara, o temido homem marinho, e Iguaragua, o pachorrento peixe-boi, são dois elementos fundamentais na escrita desta história constituída por observação empírica, fantasia e mitos, e percepções da realidade biológica e ambiental. Ao mesmo tempo, o peixe-boi ou manatim, é também um recurso económico muito valioso. Tendo sido apresentado aos europeus pelos indígenas, torna-se um alimento muito apreciado, mas também parte da farmacopeia local e europeia entrando desta forma nas redes de produção e trocas comerciais regionais e transatlânticas. Assim, este animal, para além de ter ganho o seu espaço na produção científica da história natural europeia, entrou igualmente nos circuitos da globalização ecológica da época moderna.

Daniel Dutra Coelho Braga (pós doutorando do DH -USP)⁵
Condições de circulação da Marinha francesa em território luso-brasileiro (c. 1814 - c. 1850): notas de pesquisa

A comunicação analisa manuscritos e publicações decorrentes de atividades da Marinha francesa no intuito de refletir sobre transformações das condições de circulação de seus agentes em território luso-brasileiro, levando em consideração as inflexões decorrentes da reconfiguração da questão diplomática referente à Guiana, bem como da própria emancipação política de 1822. No período em questão, a Marinha francesa conseguiu manter grau recorrente de interação com o território luso-brasileiro, sobretudo mediante a interação com agentes consulares vinculados ao Estado francês e a manutenção de estações navais em pontos estratégicos das costas da América do Sul. Todavia, essa interação foi recorrente justamente na medida em que teve suas formas e estratégias atualizadas. Tendo isso em vista, a comunicação busca fornecer subsídios para a compreensão não apenas de tais atualizações, mas também de suas relações com as condições de produção de conhecimento

⁵ Doutor em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2019). Realizou estágios doutorais no Centre Alexandre Koyré - Histoire des sciences et des techniques da École des hautes études en sciences sociales (Paris, França) e no Rachel Carson Center for Environment and Society da Ludwig-Maximilians-Universität (Munique, Alemanha). Sua tese "Colonialidade nos trópicos: a América meridional e as viagens de volta ao mundo da Marinha francesa (c. 1815 - c.1852)" obteve o prêmio de melhor tese defendida em 2019 no Programa de Pós-graduação em História Social da UFRJ e o prêmio bianual de melhor tese em história da ciência, conferido pela Sociedade Brasileira de História da Ciência, em 2020.

reconfiguradas pela Marinha francesa em função de diferentes modalidades de circulação em território externo, notadamente no que se referiu a cartografia, história natural e geografias médicas.

Fabiano Bracht (Universidade do Porto)⁶

Circulação e reconfiguração do conhecimento sobre plantas no Sul e Sudeste da Ásia no século XVIII: evidências das fontes portuguesas.

O objetivo desta apresentação é demonstrar, a partir da análise de fontes documentais escritas, em língua portuguesa, no Sul e Sudeste da Ásia, como se processavam a construção e a circulação do conhecimento sobre plantas medicinais. O período observado começa, aproximadamente, em 1680, e estende-se até por o primeiro decênio do século XIX. Parte-se do princípio de que, ao longo da Era Moderna, os domínios coloniais portugueses fizeram parte de intensas dinâmicas de produção de conhecimento científico. Nesses espaços, ocorreram diversos e complexos processos de composição de

⁶ Investigador da Fundação para Ciência e Tecnologia - FCT, Gestor de Comunicação de Ciência no REMA – Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Licenciado em História em 2009 pela Universidade Estadual de Maringá (Brasil), concluiu o mestrado em História das Ciências em 2013 na mesma instituição. Em 2017, doutorou-se em História pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto com a tese “Ao Ritmo das Monções: Medicina, Farmácia e Filosofia Natural na Índia Portuguesa do século XVIII”. Os seus interesses de investigação compreendem a História da Medicina, Farmácia e Ciências Naturais, no âmbito dos processos de construção e circulação do conhecimento científico. As suas publicações têm abordado temáticas como as farmacopeias produzidas no contexto do oriente português, a produção e circulação do conhecimento sobre drogas medicinais e a dispersão de plantas medicinais através dos circuitos comerciais do Império Português na Era Moderna. Entre 2018 e 2019, desenvolveu investigação pós-doutoral na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (Brasil), com o projeto “Materia Medica Sinensis: produção e circulação de conhecimento médico farmacêutico em Macau no século XVIII”.

saberes, ao mesmo tempo profundamente relacionados com as muitas especificidades e idiosincrasias locais e estreitamente conectados aos canais de circulação de conhecimento estabelecidos tanto pelas instituições imperiais, quanto pelas ordens religiosas. Desta forma, procurar-se-á demonstrar o papel fundamental das populações locais, assim como de suas respectivas tradições médicas, na construção e circulação destes saberes.

Gisele C. Conceição (Fapesp, Pós-doc/FFLCH/USP)⁷

Culturas médicas africanas. Artes de curar angolanas nos textos europeus ao longo do século XVIII.

As conexões entre a África e o Brasil são tema recorrente na historiografia, principalmente, aquela relacionada com as questões sociais, econômicas, logísticas e políticas que envolviam o tráfico de escravos entre ambos os continentes. Um dos aspectos de maior interesse para os pesquisadores da história das ciências é, nesse sentido, a questão da saúde dos povos escravizados. Neste aspecto, a história da Medicina e dos conhecimentos médicos e farmacêuticos retratam um cenário no qual os contributos dos conhecimentos de origem africana são pouco verificados. Neste artigo, pretendo reconhecer as práticas médicas aplicadas em território angolano através de uma série de tratados médicos escritos por europeus que praticaram medicina em Angola, mais precisamente em Luanda, pretendendo responder às seguintes questões: Qual é o peso do conhecimento das populações locais na formação dos tratados médicos angolanos? Havia circulação de conhecimentos médicos entre Angola e Brasil?

⁷ Doutora em História pela Universidade do Porto, Portugal. Pesquisadora do Programa de Pós-Doutorado do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - USP/FFLCH, com bolsa FAPESP (2018/11552-8). Pesquisadora integrada do Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória - CITCEM/Universidade do Porto, Portugal. Tenho trabalhado na área de História da Ciência. O foco da minha pesquisa é sobre os processos de construção e circulação do conhecimento nos espaços coloniais, enfatizando nas dinâmicas da produção de conhecimento e importância dos agentes locais em sua construção histórica.

Iris Kantor (Universidade de São Paulo, FFLCH)⁸
Roteiros náuticos, cartografia e tráfico negreiro (1750-1836)

A representação espacial do tráfico negreiro na cartografia histórica contemporânea tem se beneficiado das bases digitais, e especialmente do Atlantic Slave Trade Database. No entanto, minha comunicação pretende explorar os mapas produzidos no contexto das revoluções constitucionais, com a intenção de evidenciar as controvérsias geográficas nas quais os cartógrafos portugueses estiveram diretamente envolvidos. Parece relevante assinalar as marcas do sistema escravista no processo de circulação de dados e de práticas científicas que foram decisivas para construção do conhecimento científico português e europeu.

⁸ Docente do Departamento de História na Universidade de São Paulo, sendo responsável pelas disciplinas de História Ibérica, História da Historiografia Colonial Brasileira e História da Cartografia Ibero Americana. Bolsista Produtividade do CNPq (PQ 2) desde 2009; participa do comitê executivo do E- Journal of Portuguese History da Universidade de Brown. Coordenadora do Laboratório de Estudos de Cartografia Histórica da Cátedra Jaime Cortesão e do LABIEB (USP). Participa do Conselho Acadêmico da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, e representa a FFLCH no Conselho Deliberativo do Instituto de Estudos Brasileiros da USP, integra o grupo de pesquisa cadastrado no CNPq Ciência, império e viagens (2013). Desde 2014 é membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Miguel Faria (Universidade Autónoma de Lisboa (UAL))⁹
*Edição Ilustrada: Pedagogia Visual e Produção de Ciência
no tempo das Luzes.*

A presente comunicação procurará responder à questão “porquê tão poucas imagens?” fazendo um exercício de interpretação sobre as causas da imparidade entre os poderes da palavra e da imagem oferecendo, numa perspectiva histórica, um balanço sobre as dificuldades crónicas de comunicação visual na gestão do conhecimento do Império e, a partir da análise da situação portuguesa relativamente às imprensas e ao respectivo recurso à imagem, como esse deficit se reflectiu na pedagogia e produção de ciência no período pombalino e mariano.

⁹ Doutor em História da Arte e Agregado em História pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Professor Catedrático e Director do Departamento de História, Artes e Humanidades da Universidade Autónoma de Lisboa (UAL). Sócio da Sociedade de Geografia e Académico Correspondente da Academia Nacional de Belas Artes. Tem várias obras publicadas nas áreas de História da Arte, Urbanismo, Património, Estudos Olisiponenses, História do Livro e História do Brasil Colonial.

Monique Palma (Universidade de Lisboa)¹⁰

Onde havia verdura, exuberância, produtividade, há agora areia... areia e só areia – as intervenções do Império Português nas dunas de Moçambique

Produzir, acumular e transmitir conhecimento são elementos intrínsecos dos Impérios. Das diversas frentes, motivações e formas de saber, este trabalho abordará as intervenções de Portugal nas dunas de Moçambique no século XX. A movimentação das areias e a erosão costeira revelaram-se em problemas que não podiam ser desprezados pelas autoridades portuguesas, pois punham em risco o património erigido no litoral. Esta pesquisa dentro do âmbito do projeto DUNES. Sea, Sand, People –, intenta verificar: práticas de fixação, aprofundar sobre as causas dessas ações, interações entre a metrópole portuguesa e a colónia moçambicana, e mais: aferir sobre quem foram as pessoas encarregadas pelo trabalho de fixação dunar, e as instituições que foram responsáveis pela obra de proteção costeira do território em análise: Moçambique. Para recolher dados que nos permitam analisar essa temática, as fontes históricas utilizadas são relatórios da Companhia de Moçambique depositados no Arquivo Nacional Torre do Tombo (ANTT). O recurso de investigação e metodologia adotada provém da História Ambiental.

¹⁰ Doutora em História pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. No momento é Investigadora do projeto Dunes (ERC) do "Centro de História" (CH), da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e membro do "Centro Interdisciplinar Cultura, Espaço e Memória" (CITCEM), da Universidade do Porto. Monique Palma desenvolve pesquisa em duas áreas: História das Ciências e História Ambiental.

Compreender sobre o legado das intervenções nos sistemas dunares é uma forma de reforçar os planejamentos de manutenção da dinâmica costeira, importante para a contenção do avanço das águas do mar, e, proteger ecossistemas valiosos culturalmente e economicamente. Este é um trabalho que se encontra em fase inicial, mas que permite desde já perceber o seu enorme potencial: aquilo que aqui se aborda é uma temática que nunca foi estudada; que permite perceber melhor as ligações entre Portugal e Moçambique e a transmissão de conhecimento prático para a gestão do território; e que mostra a relevância do conhecimento histórico para explicar os contextos do presente, suportando as estratégias para o futuro.

Thomás Haddad (Universidade de São Paulo, EACH)¹¹

Império, cultura escrita e projetos coloniais na circulação de relatos sobre cometas no espaço ibero-americano, 1580-1668

O reconhecimento da importância das observações de cometas nos grandes debates sobre o "sistema do mundo" que dominaram a astronomia europeia – ou melhor, inglesa, francesa, neerlandesa e alemã – a partir da segunda metade do século XVI até a época de Newton é um tópico padrão da história das ciências. Menos explorada é a situação nas diversas possessões coloniais dos impérios português e espanhol nas Américas e na própria Península Ibérica, ainda que, somente no período da união das coroas, tenham sido impressas umas duas dezenas de relatos de observações realizadas na Península e no Novo Mundo. Examinando essas fontes, ocasionalmente em comparação com relatos produzidos no resto da Europa sobre os mesmos eventos, esta comunicação procura esboçar algumas formas de aproximação a uma questão simples, mas decisiva: ver um cometa a partir de espaços coloniais é diferente de observá-lo do outro lado do Atlântico? Evidentemente, o problema se desdobra em muitos outros: as condições e práticas materiais

¹¹ Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo (2004), com estágio de pós-doutorado no Grupo de História Cultural das Ciências, no Instituto de Historia, Consejo Superior de Investigaciones Científicas (IH/CSIC), em Madrid, Espanha (2011). É professor da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP, na área de história das ciências, atuando na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais. Suas pesquisas se concentram na história das práticas e saberes cosmográficos e astronômicos nos impérios ibéricos no século XVII e, ocasionalmente, XVIII.

da observação são as mesmas? As condicionantes culturais das interpretações possíveis são unificadas pelo pertencimento às mesmas grandes "áreas imperiais", ou a situação colonial se impõe, e o que interessa, digamos, ao cosmógrafo do Vice-Reino do Peru é diferente daquilo que captura a atenção de seu congênere em Madri ou Lisboa? Como circulam - ou não circulam - as técnicas de observação, as interpretações, os medos, e, sobretudo, os escritos? Como estes atormentam os corpos políticos coloniais? Antes de oferecer respostas que se pretendam definitivas, nosso objetivo é refletir sobre as linhas diretoras de uma investigação das astronomias – e das sensibilidades "político-astronômicas" – no mundo ibero-americano em tempos de convulsão política.